



# SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

05/10/2022

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>



## Oito de cada 10 famílias no Brasil está endividada, aponta CNC

O endividamento familiar tornou-se uma epidemia financeira no Brasil. Hoje, a cada 100 famílias no País, 79 estão endividadas, conforme levantamento mensal realizado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A maior parte dessas dívidas não está atrelada a bancos, e sim a serviços em geral, como contas de luz, de telefone e de internet, carnês de loja e prestações de carro e casa.

O Brasil tem hoje mais de 67 milhões de pessoas inadimplentes, conforme dados divulgados pela Serasa em agosto. O valor dessas dívidas é superior a R\$ 289 bilhões - dos quais, 28% estão relacionados a pendências com bancos e cartões de crédito. A maior parte (72%) tem a ver com contas atrasadas de serviços em geral, como luz e telefone e carnês de loja.

Saiba mais em: A Tribuna, quarta-feira 05 de outubro.

## Brasil deve crescer menos que a média da América Latina, diz Banco Mundial

O Brasil deve registrar neste ano um crescimento econômico abaixo da média dos vizinhos da América Latina e Caribe, segundo relatório do Banco Mundial publicado nesta terça-feira (4).

Pelas estimativas do órgão, enquanto a média do PIB (Produto Interno Bruto) da região crescerá 3%, no Brasil essa taxa deve ficar em 2,5% — projeção do Banco Central brasileiro é mais otimista e prevê crescimento de 2,7% ao fim do ano.

Entre as maiores economias da região, o Brasil deve ter crescimento maior que o México (1,8%) e o Chile (1,8%), mas abaixo da Argentina (4,2%), Colômbia (7,1%) e Peru (2,7%).

A previsão do PIB por si não revela outros fatores importantes das economias locais — a Argentina, por exemplo, chegou a setembro com inflação anual de 78,5% —, mas mostra a dificuldade em acelerar o crescimento econômico no pós-pandemia.

Segundo o relatório, na maior parte dos países da região o PIB e os índices de emprego estão no mesmo nível pré-pandemia, com sistemas bancários sólidos e encargos da dívida administráveis. O cenário previsto pelo Banco Mundial agora é mais positivo do que a previsão feita em abril, quando a Guerra na Ucrânia estava mais aquecida e a instituição esperava que a América Latina crescesse 2,3%.

Para o ano seguinte, a previsão é menor. O Brasil deve crescer 0,8% em 2023, segundo o estudo, metade da média regional, de 1,6% — o BC aponta crescimento de 2,5% no ano que vem. Já em 2024, a previsão é que o Brasil veja seu PIB subir 1,8%, enquanto na América Latina e Caribe o aumento esperado é de 2,3%.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.

## Cidades da Baixada Santista avançam na geração de emprego com quase 2 mil carteiras assinadas

A Baixada Santista gerou saldo positivo de 1.964 empregos com carteira assinada em agosto, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O número equivale a quase cinco vezes o resultado do mês anterior (julho), quando foram registrados 407 postos. Os 1.964 empregos gerados são resultado de 13.103 admissões e 11.139 demissões na região.

Santos desponta nos números, com saldo positivo de 729 empregos. A alta foi puxada pelo setor de serviços, que gerou 505 postos. Neste grupo, o setor que mais gerou vagas foi o da administração pública, com destaque para a Educação Infantil: foram gerados 31 empregos em pré-escolas e 18 em creches.

O comércio foi o segundo grupo que mais gerou empregos. O destaque ficou para o setor de comércio varejista, que registrou saldo de 110 novos vagas.

Em todo o Estado houve 638.513 admissões e 563.540 demissões, com saldo de 74.973 empregos. Por setores, a maior geração foi dos serviços, com 41.088. O comércio vem em seguida, com 14.572. A maior variação mensal foi no setor da construção, com alta de 1.15% em relação a julho. O setor teve 7.809 empregos gerados.

Saiba mais em: A Tribuna, quarta-feira 05 de outubro.

## Alimentos já caem em ritmo mais lento em São Paulo

Os alimentos tiveram a sexta semana consecutiva de queda no índice de inflação da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), conforme dados divulgados nesta terça-feira (4).

As retrações ocorrem principalmente nos alimentos básicos, mas o ritmo de queda já perde força. No mês passado, o recuo foi de 0,22%, o menor das últimas cinco semanas.

Mesmo com as quedas recentes, os alimentos continuam pesando no bolso do consumidor, uma vez que a evolução dos preços foi muito acelerada nos últimos anos, principalmente após 2020.

Dados da Fipe, que acompanha preços semanalmente na capital paulista, indicam que os alimentos acumulam alta de 53% desde o início de 2019.

A pressão menor nas últimas semanas não deixa de ser um alívio para o consumidor de menor poder aquisitivo, uma vez que o ritmo das altas vinha sendo muito forte. O acumulado nos últimos anos e a perda de renda da população, porém, ainda deixam os alimentos fora do alcance de boa parte da população.

O café da manhã ficou mais barato em setembro. Os preços médios desses produtos, contudo, ainda estão bem distantes dos de há alguns meses. A principal queda é a do leite, que esteve 12% mais barato nos supermercados.

A Fipe mostra, porém, que, mesmo com a queda, o produto ainda acumula elevação de 37% neste ano e de 101% desde janeiro de 2019.

Os preços também caem no campo. Em setembro, o produtor recebeu 14,7% a menos pelo leite entregue à indústria. Ana Paula Negri, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) afirma que a queda ocorre, em parte, pela oferta maior de leite.

O alívio também veio para os produtos consumidos no almoço, com quedas de feijão, arroz e óleo de soja. O patamar atual de preços, no entanto, está bastante elevado, inibindo o poder de compra dos consumidores.

O acompanhamento quadrissemanal da Fipe mostra uma taxa menor de redução dos alimentos no final de setembro, em relação às semanas anteriores, o que indica que o ritmo de queda está perdendo fôlego.

Óleo de soja, que caiu 5,86% em setembro —a queda era de 7,2% na primeira quadrissemana do mês— lidera os aumentos dos alimentos, acumulando 140% desde o início de 2019.

As carnes tiveram pouca variação de preços no mês passado, mas o consumidor ainda sente o patamar elevado registrado pelas proteínas nos últimos anos.

Quem comprar um quilo de acém, considerado um corte menos nobre, vai pagar 86% a mais do que no início de 2019. Se for um quilo de picanha, a alta é de 50%, percentuais apurados pela Folha, com base em dados da Fipe.

A inflação dos alimentos, que vem castigando os consumidores, não tem muito espaço para cair neste último trimestre.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.

## Farmácias devem registrar menos de mil casos de Covid ainda neste mês

Os testes de Covid nas farmácias se mantiveram abaixo dos 2.000 diagnósticos positivos pela terceira semana seguida, segundo a Abrafarma, associação que reúne as grandes empresas do varejo farmacêutico.

Entre os dias 19 e 25 de setembro, foram registradas cerca de 1.200 confirmações da doença, uma queda de 27% em relação aos sete dias anteriores.

De acordo com a Abrafarma, o número representa 7% dos mais de 17 mil atendimentos feitos nas drogarias. O patamar é o menor desde a implementação dos testes nas farmácias, em abril de 2020.

A associação projeta um cenário com menos de mil casos confirmados semanalmente ainda em outubro.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.